Dramatização no Lokasenna:

Um estudo do conceito do trickster na figura de Loki

Leandro Vilar[1]

Submetido em Abril/2015
Aceito em Abril/2015

RESUMO:
O presente artigo visa analisar o conceito de *trickster* referente ao estudo mitológico, o direcionando para se compreender a figura de Loki Laufeyjarson na mitologia escandinava, tendo como fonte de estudo o poema *Lokasenna*, escrito por volta do final do século X. Com base no conceito de *trickster*, principalmente apresentado por Georges Balandier (1982), procurou se estudar o *Lokasenna* como uma manifestação de poder e intransigência de Loki ao afrontar os deuses nórdicos. Para esse estudo também foram utilizados autores que abordam a mitologia escandinava como Davidson (1993), Niedner (1997), Lindow (2001) e autores que estudam a religião e cultura viking como Price (2002), Langer (2005), Graham-Campbell (2006) e Hultgård (2012).

Palavras-chave: Loki – Lokasenna – mitologia escandinava – trickster.

ABSTRACT:
This article aims to analyze the concept of referring to the mythological trickster study, directing to understand the figure of Loki Laufeyjarson in Norse mythology, with the source of the study *Lokasenna* poem, written around the end of the tenth century. As based on the concept of trickster mainly presented by Georges Balandier (1982) sought to study the *Lokasenna* as a manifestation of power and intransigence to confront Loki the Norse gods. For this study authors also address the Norse mythology as Davidson (1993) Lindow (2001) and and authors who study religion and Viking culture as Price (2002), Langer (2005), Graham-Campbell (2006) and Hultgård (2012).

Keywords: Loki – Lokasenna – Norse mythology – trickster.

[1] Mestrando em História e Cultura Histórica pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, bolsista CAPES. Historiador pela UFPB, escritor e poeta.

Introdução:

Na década de 30 o linguista e mitólogo neerlandês Jan de Vries (1890-1964) em seu livro *The Problem of Loki* (1933), entre as hipóteses apresentadas e defendidas na obra, estava em argumentar que Loki seria o *trickster* da mitologia escandinava. Pois ao analisar as ações e histórias dele nos mitos, principalmente na *Edda Poética* e na *Edda em prosa*, o caráter, comportamento e atos de Loki tendiam a se encaixar na ideia de que ele seria um *trickster*, ser lendário esse, bastante comum em alguns mitos indígenas na América do Norte[2].

> Em geral, o *trickster* é o herói embusteiro, ardiloso, cômico, pregador de peças, protagonista de façanhas que se situam, dependendo da narrativa, num passado mítico ou no tempo presente. A trajetória deste personagem é pautada pela sucessão de boas e más ações, ora atuando em benefício dos homens, ora prejudicando-os, despertando-lhes, por conseqüência, sentimentos de admiração e respeito, por um lado, e de indignação e temor, por outro. Segundo Georges Balandier (1982, p. 25), o *trickster* (embusteiro, trapaceiro, ardiloso, astuto, desonesto, etc.) recebe esta designação em lembrança a uma antiga palavra francesa - *triche* (*tricherie* = trapaça, furto, engano, falcatrua, velhacaria). (QUEIROZ, 1991, p. 93-94).

A figura do *trickster* é curiosa, pois em alguns mitos e lendas, ora ele surge como o "herói-civilizador", vindo com o intuito de usar seus poderes e saberes para ajudar as pessoas, deuses e outros seres, porém, em outro momento, o *trickster* surge como o "pregador de peças", realizando travessuras que no fim terminam bem ou que acabam gerando consequências graves (RADIN, 1956, p. IX).

O *trickster* se apresenta como esse ser peculiar que não é um deus[3], mas uma criatura fantástica que pode ter a forma de um animal[4], forma humana ou até mesmo uma fisionomia zoomórfica. Além dessa variedade de aparências, em geral todo o *trickster* é um ser que possui poderes mágicos e é bastante sagaz, sendo sua sagacidade uma de suas virtudes e ponto forte, pois em dadas ocasiões é através da inteligência que ele resolve problemas ou provoca problemas (QUEIROZ, 1991, p. 95).

---

[2] "Os mitos do "Trickster" ou trapaceiro tiveram ampla difusão na América do Norte; eles transportam ao tempo das origens ou do passado extremo o que desatualiza a crítica e torna a sátira aparentemente inofensiva; eles relatam os feitos e as culpas e, gestos de um herói dificilmente identificável, divino em certos aspectos, sempre errante, ignorando os limites do bem e do mal, poderosamente sexuado, engajado em aventuras caracterizadas pela astúcia e pelo dolo". (BALANDIER, 1982, p. 25).

[3] No conceito original de *trickster* ele não seria um deus, mas com a ampliação desse conceito, vemos alguns mitólogos o usarem para se referir a alguns deuses. Price (2002, p. 329) comenta essa questão ao dizer que Odin possui algumas características de *trickster*.

[4] Nos mitos norte-americanos, geralmente o *trickster* tem a aparência de uma raposa, coiote ou corvo. Já em alguns mitos africanos o vemos sob a forma de hiena, lebre, cobra, etc.

Georges Dumézil (1973, p. 58) concebeu Loki como sendo uma "inteligência perigosa", pois Loki ora utiliza sua sagacidade para o bem ou para o mal. Nesse ponto, Dumézil chega até mesmo a comparar Loki com a figura cristã de Satanás, embora que hoje alguns mitólogos não concordem com essa comparação. Pois embora Loki causa-se problemas e danos, ele não chegava ao ponto de ser a "personificação do mal" como Satã na religião cristã e islâmica.

De acordo com Frakes (1987, p. 477), essa dualidade de Loki, representaria sua função como elemento que desestrutura, mas também que restaura. Em suma ele seria uma divindade com o papel de mudança, e não propriamente como personificação da maldade.

O *trickster* também é descrito nos mitos e lendas como um ser ardiloso, malicioso, glutão, obsceno, podendo até mesmo trocar de sexo ou possuir características luxuriosas. Tais aspectos conotam ao *trickster* a posição de ser uma criatura que rompe com a ordem comum, um ser que se encontra entre o sagrado e o profano, o correto e o leviano, a ordem e o caos (RADIN, 1956, p. 185).

Assim o *trickster* em diferentes culturas transita entre o moral e o imoral, oscilando na figura do personagem benfazejo e a figura do velhaco, do trapaceiro, do lascivo. Mediante a essa breve definição do que seria um *trickster* podemos delinear que Loki possui algumas dessas características[5].

> Trickster figure, lives among the gods but will fight with the giants at Ragnarök. In my view the single most significant line about Loki in the sources comes at the end of the catalog of asir in the *Gylfaginning* section of the *Edda* of Snorri Sturluson: Loki is "also numbered among the asir," that is, he is counted as one of them even though he may actually not be one. Indeed, given the principle of reckoning kinship along paternal lines only, Loki is no god but a giant, since he has a giant father, Farbauti. His mother, Laufey or Nal, may well have been one of the asir, but that should not count. And Loki is himself the father of three monsters, the Midgard serpent, the wolf Fenrir, and Hel, by the ogress Angrboda. With his wife Sigyn he has the son(s) Nari and/or Narfi. (LINDOW, 2001, p. 216-217).

Embora desde a publicação da tese de Vries nos anos 30 até o presente, diversos trabalhos sobre Loki foram publicados, nos quais alguns concordaram ou discordaram

[5] Eldar Heide (2011, p. 63) concebe a existência de "dois Loki", o Loki dos mitos e o Loki do folclore, associado com o *vätte* ("espírito doméstico") sendo uma personificação do fogo. No caso, ela diz que o Loki Laufeyjarson (mitologia) seria totalmente diferente do Loki *vätte* (folclore).

do fato dele ser um *trickster* ou não, hoje parte dos escadinavistas considera que Loki[6] seja um *trickster*.

Para esse estudo parto do princípio que Loki seja um *trickster*, no intuito, de analisar tais características que conferem a ele tal atributo, percebendo sua atuação no poema *Lokasenna* ("Escárnios de Loki"), um dos poemas que compõe a *Edda Poética* (coletânea de poesias escritas entre os séculos IX e XIII), no qual Loki é apresentado como o centro das atenções tanto na trama quanto no drama zombeteiro, sarcástico e irônico que se desenvolve naquelas 65 estrofes.

Devido ao fato do poema ser um pouco extenso, optamos em não escrever as estrofes, pois não haveria espaço para se realizar a análise aqui presente dentro de um limite de vinte páginas, caso isso fosse feito.

Para se analisar essa performance de Loki, utilizou-se como base principal o livro *Poder em Cena* (1982) de Georges Balandier, especificamente o capítulo 2 (Confusão), no qual o autor estudou a dramatização e representação do ridículo, do sarcástico, do cômico e do incomum, tanto no âmbito lendário e mítico, quanto no âmbito político e social.

Esse trabalho foi dividido em três partes: no primeiro, um breve comentário sobre algumas características da religião escandinava na época viking, no segundo momento, uma apresentação da história do *Lokasenna*, apresentando o cenário e personagens envolvidos, para que na terceira parte, se realize o objetivo desse estudo.

Questão religiosa:

A história do *Lokasenna* já foi motivo de muito debate, por se tratar de uma narrativa poética com forte teor de sarcasmo, o que levou alguns mitólogos a cogitar que tal poema teria sido escrito por um cristão, como forma de depreciar os mitos nórdicos, assim como também, no intuito de zombar e ridicularizar os deuses pagãos. Todavia, hoje tal hipótese está em descrédito.

> Num contexto pagão, o que um cristão veria como imperfeições incompatíveis com o divino traria as divindades para mais perto dos homens, mostrando-as como seres poderosos, mas não excessivamente remotos ou diferentes dos humanos. As imperfeições talvez facilitassem o acesso, as relações de troca, o *do ut des* implícito

[6] Entre os vários estudos sobre Loki, consultar algumas dessas obras: VRIES, Jan de. *The Problem of Loki*. Helsinki: Folklore Fellow Comunications 110, 1933. ROOTH, Anna Birgitta. *Loki in Scadinavian Mythology*. Lund: University Lund, 1961. DUMÉZIL, Georges. *Loki*. Paris: Flammarion, 1986.

> nas religiões centradas num culto sacrificial. O paganismo escandinavo - como outros paganismos - era compatível com uma hierarquia das divindades, até mesmo com a noção de existirem "deuses vencidos" como os Vanir; pelo menos, assimilados a ponto de terem sua mitologia própria majoritariamente apagada. (CARDOSO, 2007, p. 11).

É preciso pensar que a fé nórdica era bem diferente da fé cristã. Enquanto o cristianismo desenvolveu uma Igreja, credo, estrutura eclesiástica, dogmas, burocracia, etc., a religião escandinava manteve-se mais centrada nos ritos, práticas mágicas, oferta de oferendas e a realização de sacrifícios (o que incluía sacrifícios humanos) (LANGER, 2005, p. 56-57).

Não havia um credo, pois os ritos variavam de região para região, além de não ter havido nenhum livro sagrado, o que por sua vez concede também a religião escandinava um caráter de ser uma religião não revelada.

> Atualmente as pesquisas acadêmicas indicam que a religião nórdica durante a Escandinávia Viking (século VIII ao XI d.C) não possuía centralizações em nível teológico e organizacional, não tinha templos, dogmas, sacerdotes especializados (sem castas ou iniciações), orações, meditações, reduzindo-se a cultos e tendo a magia como essência (Boyer, 1995: 88-89). Os principais cultos eram relacionados aos ciclos sazonais ou situações de crise: batismo, funerais, sagração de terras e templos, juramentos (Dubois, 1999: 123). Ao contrário do cristianismo, no paganismo escandinavo não existia uma teologia sistematizada, sem conceitos absolutos de bem e de mal, com ideias vagas e conflituosas sobre a vida após a morte. (LANGER, 2005, p. 56).

É preciso também perceber que diferente das religiões abraâmicas nas quais tornaram a relação entre Deus e os homens algo bem afastado, bem separado, pois embora se diga que a fé nos aproxima de Deus, isso é dito no intuito de devoção e crença ao seu ser, no entanto, em várias religiões e mitologias, os deuses eram seres que não estavam tão distantes da vida mundana[7].

E no caso nórdico isso também se aplicava, pois para os escandinavos os seus deuses não eram seres divinos que estavam tão distantes do mundo humano (Midgard). O deus Odin é um dos melhores exemplos nesse sentido, pois os poemas, mas principalmente as sagas, contam histórias que Odin costumava viajar disfarçado, indo

[7] "In non-doctrinal Community religions *myths* are the foremost verbal expression of religion because they convey the world-view, ideas, emotions and values of a specific culture. Myths have several contexts, they may accompany rituals or be re-enacted in a dramatic form, but they may also be told in a variety of other situations. Myths have different functions, they explain the origins of the universe and humankind, they serve as models for ritual and social behaviour and they legitimise fundamental institutions of the society". (HULTGÅRD, 2012, p. 213-214).

visitar senhores e reis, oferecendo conselhos e até armas mágicas (DAVIDSON, 1993, p. 76).

> O viking não era particularmente religioso, tampouco manejava um conjunto de concepções de tipo abstrato com respeito ao divino. Este homem pragmático, realista, não praticava a oração, a meditação, nem a mística. Em certo sentido o contrato era a noção essencial nesse universo mental. (LANGER, 2005, p. 56).

Logo, diante de tais características podemos delinear que o *Lokasenna* não teria sido uma invenção de algum cristão interessado em ridicularizar o paganismo escandinavo. Embora os mitos possuam uma função de explicação, é importante pensar que na óptica dos vikings não interessava muito se as travessuras de Loki causariam problemas ou não aos deuses, pois para os vikings o importante era que os deuses atendessem aos pedidos da humanidade.

Embora que nos mitos também digam que Loki estivesse associado ao Ragnarök[8], até onde os estudos nos permitem chegar, pensar o Ragnarök não era algo que preocupou muito os vikings, diferente do pensamento cristão acerca do Juízo Final, o qual ao longo da Idade Média esteve bastante em voga[9].

O cenário e os personagens:

A história do *Lokasenna* se desenvolve na casa do gigante Égir, Ægir ou Gýmir, o qual era filho do gigante Miskorblindi. Por mais que nos mitos nórdicos os deuses e gigantes fossem inimigos, havia exceções, onde existiam gigantes que eram amigos dos deuses, ou pelo menos não lhe causavam mal, como é o caso de Égir. O gigante é mencionado principalmente nos poemas *Lokasenna* e o *Hymiskvida*, e no *Skaldskaparmal*, a segunda parte da *Edda em prosa*. Na qual Snorri Sturluson informa

[8] "O termo Ragnarök significa "consumação dos destinos dos poderes supremos", e parece ter significado mais antigo que a outra forma islandesa (sing. Ragnarökkr "Crepúsculo dos poderes supremos") e se refere a uma série de acontecimentos que culminariam com a morte dos deuses nórdicos mais importantes e a destruição de parte do universo, após o qual algumas deidades e humanos sobreviveriam em uma nova e renovada ordem cósmica. A palavra existe somente na poesia éddica, não ocorrendo em nenhuma fonte escrita da Era Viking (793-1066 d.C.)". (LANGER, 2012, p. 3).

[9] "Em um ponto de vista historiográfico, podemos separar as concepções sobre o Ragnarök na academia em três ideias principais: os que acreditavam que as narrativas sobre o destino dos deuses germânicos seriam de base totalmente pagã; os autores que perceberam interferências cristãs sobre uma composição pagã e a recontaram após o registro escrito; e mais recentemente, os que defendem que o compositor original foi um pagão que sofreu influências de ideias cristãs durante o período de conversão". (LANGER, 2012, p. 4).

que Égir era casado com a deusa do mar Ran, e eles teriam nove filhas, conhecidas como "ondas".

De acordo com o *Lokasenna*, a casa de Égir ficaria localizada em meio a uma floresta, tendo nas proximidades um rio com cachoeira. Embora fosse um gigante, sua casa não se encontrava em Jotunheim ("Terra dos gigantes"), normalmente situada no Leste, pois é dito que Thor estava no Leste combatendo os gigantes, daí não ter comparecido no banquete, logo no início, pois teve que viajar até lá. Por outro lado, no poema *Hymiskvida* (est. 7) diz que Égir vivia longe de Asgard.

Logo, não sabemos onde propriamente a casa dele ficaria localizada nos "Nove Mundos". Pelo fato de haver uma floresta e rio, sua casa não ficaria nas profundezas do mar, como costumava ficarem os Salões de Ran, para onde os afogados iam.

Quanto aos convidados para o banquete, compareceram entre os Ases: Odin e sua esposa Frigga, Sif (a esposa de Thor), Bragi e sua esposa Iduna, Tyr e Vídar. Entre os Vanes, estavam Njord e sua esposa Skadi (a qual era uma giganta), e os irmãos gêmeos Freyr e Freyja. O deus Freyr levou consigo dois escravos, o casal Býggvir e Beyla. Por fim, se encontrava Loki.

Além de Égir, estavam presentes dois escravos seus Fimageng e Éldir. Sua esposa, a deusa Ran, não estava presente. Todavia, o poema nos informa que além dos deuses e dos gigantes, se encontravam também elfos, embora em nenhum momento seja mencionado o nome de algum deles.

Tal aspecto concede outro ponto intrigante da narrativa, pois embora hoje os elfos tenham se popularizado através da literatura de fantasia e dos jogos de RPG (*role playing game*), nos mitos escandinavos, os elfos são criaturas ainda misteriosas, pois os mitos conhecidos pouco falam deles, nos fornecendo informações vagas e às vezes contraditórias sobre suas características e função[10]. Logo, os elfos aparecem como personagens secundários e sem expressão na trama do poema, pois nenhum deles participa dos diálogos.

[10] John Lindow (2001, p. 110) informa que os elfos tiveram um papel mais significativo no folclore escandinavo no que na mitologia propriamente, além do fato que em alguns poemas da *Edda poética*, os elfos parecem se confundir com os anões. Na *Edda em prosa*, Snorri os classificou em elfos da luz, os quais viveriam em Álfheim e elfos da escuridão, que viveriam em Svartálfaheim.

O drama:

Embora a *Edda poética* tire o seu nome dos poemas, nota-se que tais poemas possuem trechos em prosa, e no caso do *Lokasenna* ele se inicia em prosa e termina em prosa. É nessa "introdução" que se apresenta o cenário e os personagens envolvidos na trama do poema, como também se diz que o salão de Égir era iluminado com ouro, e a cerveja era abundante e de muito bom gosto.

No entanto, um aspecto interessante mencionado, diz que naquele dia foi declarado que a paz e a tranquilidade se estabelecessem, sendo assim, nenhuma afronta deveria ser causada entre o anfitrião e seus convidados, pois era uma ocasião para se celebrar essa concórdia entre gigantes, deuses e elfos.

Uma linha de interpretação possível para essa questão de estabelecimento de um pacto de paz durante o banquete estaria associada à ideia do uso que se davam aos salões durante a Idade Viking.

Os salões além de serem locais para a realização das refeições, celebrações de festas por distintos motivos, eram também locais onde tesouros eram ofertados, guardados e compartilhados, além de serem locais de poder. Os salões simbolizariam a autoridade da nobreza e da aristocracia, daí perceber-se que as descrições o mencionavam como locais grandes e suntuosos – o ouro que ilumina o salão de Égir, conota essa ideia de luxo –, onde os governantes exibiam sua autoridade e conquistas.

Por outro lado, os salões também possuíam um "papel religioso", onde relíquias eram preservadas, mitos e histórias eram cantados; colheitas, casamentos, funerais, etc., eram celebrados (AYOUB, 2013, p. 104-106).

Por esse sentido de certa "sacralidade" concedida ao espaço do salão, pois não devemos concebê-lo como um templo, no entanto, podemos considerar que o pacto feito na ocasião do banquete narrado no *Lokasenna*, perfaça uma alusão à ideia do salão não apenas como um local de festejo, mas também de comunhão e segurança (AYOUB, 2013, p. 108).

Todavia, a personalidade traiçoeira de Loki viria romper com esse local de paz. Enquanto o banquete prosseguia, os deuses elogiavam bastante a dedicação de Fimafeng e de Éldir, mas aquilo começou a irritar Loki, então ele num acesso de raiva, assassinou Fimafeng. É válido lembrar que entre as características de Loki, está o cinismo e a inveja (DAVIDSON, 1993, p. 84). Quando ele tramou a morte de Balder, um dos

motivos para isso foi à inveja que ele sentia de Balder, pois o deus era um dos preferidos entre os Ases.

Ao assassinar Fimafeng, os deuses se iraram e começaram a bater em seus escudos e foram atrás de Loki, o qual escapou da casa, indo se esconder na floresta. Como foi decidido que a violência seria evitada ali, mesmo tendo havido o assassinato de um homem – embora fosse um escravo –, ainda assim, os deuses decidiram não prosseguir com a perseguição, então retornaram ao banquete. Esse ato de Loki revela uma característica dos *trickster*, que é as vezes conseguir sair impune.

"Ele provoca a ação de uma liberdade parcial e introduz a possibilidade de não ser totalmente subjugado pela necessidade do destino e pela força dos poderes". (BALANDIER, 1982, p. 27).

Pela perspectiva de Balandier, os *trickster* mais voltados às diabruras, costumam viver na fronteira entre o correto e permitido, o errado e proibido. E para tais *trickster* a noção de certo e errado se fragiliza, e para eles o que pode ser errado não assume essa conotação, mas consiste numa travessura. Nesse sentido tais *trickster* se mostram apáticos aos valores e normas morais. Ao assassinar Fimafeng, Loki mostra não está preocupado em se respeitar o pacto entre anfitrião e convidados.

Passado algum tempo, Loki retorna a casa e avista Égir no lado de fora e diante da porta. Então ele pergunta para o anfitrião o que os deuses conversavam, e o gigante responde que os deuses falavam sobre armas e feitos de guerra. No entanto, ele completa, dizendo que os deuses e elfos todos estavam furiosos com o que ele havia feito. No entanto, Loki não liga para tal fato e, na estrofe 4, diz que mesmo assim, voltará à festa, mesmo sabendo que os deuses estão com raiva, e completa dizendo que irá servir amargura a eles.

Isso é o prenúncio das afrontas que ele está por fazer nas estrofes seguintes. Além do fato que tal fala expressa o cinismo de Loki, e um tom de desdém para o anfitrião, tom esse que se mescla com sarcasmo quando ao retornar a festa, Loki diz (est. 6) que está com muita sede e espera que os deuses lhe sirvam uma boa taça de hidromel.

Mas eles permanecem todos em silêncio, e Loki retruca questionando por que daquele silêncio. "O Bufão ritual não respeita nada e ninguém; sua licença é total, sua impunidade a mais completa e seu ataque é tanto mais forte quanto mais venerado o objeto que visa". (BALANDIER, 1982, p. 28).

Então Bragi (est. 8) o deus da poesia, responde que nunca os deuses lhe permitiriam assento naquela festa, pois os Ases sabiam a quem acolher. Mesmo Bragi tendo se pronunciado de forma clara, que Loki não era mais bem-vindo ali, Loki então recorre a sua astúcia e dirige a palavra a Odin, convocando seu misterioso juramento de sangue com o rei dos deuses.

O juramento de sangue entre Odin e Loki ainda é um dos mistérios não resolvidos nos mitos. No restante da *Edda poética* e em toda *Edda em prosa*, não encontramos menção a tal juramento, apenas na estrofe 9 do *Lokasenna* é que ele está presente. Além dessa questão de ser a única fonte a remeter a tal fato, o poema também não explica o porquê desse pacto.

Tendo convocado tal juramento, Odin acaba o atendendo, então ordena que seu filho Vídar se levantasse e cedesse lugar para Loki. O gigante se acomoda no banco, embora não sabemos se seria ao lado de Odin, e se o foi, conotava uma posição de grande respeito, pois para os vikings quanto mais próximo se sentava do líder, isso era sinal de prestígio. Por sua vez, quem se sentava longe não dispunha desse mesmo trato, e isso ocorreu com Bragi.

Loki ao se sentar pegou um dos copos e fez um brinde aos deuses, as deusas e aos demais convidados. Então dirige a palavra a Bragi, dizendo que inclusive para ele, o qual estava no final do banco (nota-se aqui o tom de deboche do *trickster*). "A ridicularização garantia, mais do que qualquer outra forma de repressão, o respeito da tradição. Era um ataque sutil que permitia despojar um homem de sua autoestima e do respeito de seus associados". (BALANDIER, 1982, p. 24).

Nesse contexto, Loki ao convocar o seu juramento de sangue com Odin, estava procurando manter o respeito pela tradição. O juramento deveria ser cumprido de ambas as partes. Todavia, tendo feito o que fez, tal ato também pode ser considerado como uma ridicularização para Odin, pois embora tenha sido afrontado, teve que consentir com o juramento. E por fim, para Bragi, o qual se encontrava sentado no final do banco, um lugar de pouco prestígio social, o qual Loki sarcasticamente ressalva tal condição.

Entretanto, o deus da poesia se invoca com Loki, então revida, alertando o gigante para ter cuidado com os deuses. Nesse ponto a discussão se inicia. Loki concede sua réplica, chamando Bragi do mais covarde de todos os deuses que estavam ali. Isso é uma afronta grande, pois os Ases são divindades associadas à guerra e a força, no

entanto, Bragi pertence a essa família, mas como deus da poesia ele não parecia apresentar características de um guerreiro.

Bragi retruca, convidando Loki a sair e lutar, pois como visto, a casa de Égir foi estabelecida como um local de concórdia, logo, Bragi mantendo respeito ao pacto, convoca Loki para ir enfrentá-lo no lado de fora, onde eles estariam livres para se confrontarem. Mas Loki responde que Bragi era um deus "bravo enquanto sentado", mas nada fazia a respeito, então completa sua fala chamando o deus de "adorno de banco", um *kenning*[11] na poesia escandinava que significava "mulher". Pois as mulheres eram vistas como "enfeites" nos banquetes, entretendo os homens com sua beleza e charme.

Nesse sentido, Loki atenta Bragi, primeiro o chamando de covarde e agora atacando sua masculinidade. Então entra em cena Iduna, a qual pede para o marido parar de responder aquelas afrontas. No bom senso, ambas as partes deveriam procurar parar com a discussão, mas sendo Loki um *trickster*, ele segue o caminho contrário, e dirige acusações a Iduna. Acusando-a de ter cometido adultério com o homem que assassinou o irmão dela (est. 17).

Iduna responde que Loki não sabe o que estava falando, então ela volta a pedir para que o marido se acalme. Nesse momento, a deusa Gefjon entra na conversa pedindo para que Loki parasse de maldizer os deuses, mas ele responde a Gefjon insinuando que ela teria um amante; que o colar que ela exibia naquele momento, lhe foi dado por esse amante. Logo, Odin decidiu intervir em defesa de Gefjon, criticando as acusações feitas por Loki aos deuses (est. 21). Dizendo que eram absurdas e sem fundamento.

O gigante prossegue dizendo que Odin é um cínico, favorecendo os guerreiros que não mereciam. É importante salientar que Odin era o senhor da guerra, e a ele os chefes e guerreiros oravam pedindo a vitória. De fato, nesse ponto Loki não estava mentindo, pois em outros mitos conta-se que Odin realmente agia de vez em quando dessa forma.

Todavia, o rei dos deuses responde a Loki, atacando a masculinidade dele, fazendo menção na estrofe 23, a um acontecimento que não se conhece em outras

[11] "*Kenningar* são figuras de linguagem que, à semelhança da metonímia, substituem o nome de uma pessoa, objeto, local ou evento. Desse modo, o *kenning* "matador de gigantes" substitui o nome do deus "Thor", conhecido por suas batalhas contra os gigantes, no poema *Thórsdrápa* ("Eulogia a Thor", em uma tradução livre), que narra uma de suas muitas aventuras na terra dos gigantes. Muitos *kenningar* fazem referência à mitologia nórdica". (QUINTANA, 2008, p. 44).

fontes, no qual Loki teria se transformado em mulher e dado a luz. Como visto no início do texto, é característico de alguns *trickster*, trocarem de sexo[12]. Loki aproveita essa afronta e a devolve na mesma forma na estrofe 24, dizendo que Odin participava de ritos mágicos que eram próprios para mulheres.

É sabido que Odin era afeito as artes mágicas, práticas comuns entre os Vanes, mas originalmente não eram comuns entre os Ases, mas depois da união das duas famílias, os Ases aprenderam magia.

No caso do poema, Loki insinua que Odin era praticamente de *Seiðir*, uma magia normalmente praticada apenas pelas mulheres, e quando os homens a praticavam eram considerados como afeminados ou com tendências a homossexualidade. Algo que não era bem visto na sociedade viking, que era contrária ao homossexualismo. Além dessa questão de gênero, as praticantes do *seiðir*, eram vistas com desconfiança, sendo consideradas párias e bruxas (LANGER, 2005, p. 70-71).

A partir dessa estrofe do *Lokasenna* podemos delinear mais dois aspectos do *trickster*, segundo Balandier. Primeiro:

> Ele é o único que ousa opor-se ao deus superior, a grupos de deuses, ao soberano, à família real, e aos dignitários. Esta capacidade ofensiva se manifesta sob três formas principais: a ironia que deprecia o poder e suas hierarquias, a rebelião que mostra que o poder não é intocável e o movimento que introduz a perturbação da mudança no seio da ordem. (BALANDIER, 1982, p. 27).

Até aqui todas essas características e inclusive as três formas principais como mencionadas pelo autor, estão presentes na dramatização de Loki durante o banquete dos deuses. A última foi confrontar a autoridade do rei dos deuses.

No que diz respeito ao segundo aspecto das histórias sobre *trickster*, está o tema da sexualidade. Boa parte das acusações que ele profere no *Lokasenna*, tem haver com uma questão de sexualidade.

Loki insinuou através de um *kenning*, chamando Bragi de "mulher", acusou Iduna de cometer adultério, acusou Gefjon de manter um amante escondido, e agora insinuou que Odin ao praticar o *seiðir* e andar em companhia das suas praticantes, isso conotaria uma expressão afeminada ao deus. Todavia, essas acusações e insinuações remetendo a questão sexual continuam. Na estrofe 26, na qual a deusa Frigga intervém

[12] No poema *Thrymskvida* da *Edda poética*, Loki se veste de mulher. Já na *Edda em prosa*, são contadas duas histórias onde ele assume o sexo feminino. Numa ele se transforma numa égua e acaba engravidando, e dar a luz a Sleipnir, o cavalo de oito patas de Odin. Na outra história já associada à morte de Balder, Loki se transforma numa giganta chamada Tökk.

pelo seu marido, Loki chama Frigga de promíscua por ter aceitado se casar com Vili e Ve, dois irmãos de Odin[13].

A deusa responde que se seu filho Balder estivesse ali, aquela situação não estaria ocorrendo, pois Balder era o mais honesto e puro dos deuses. Porém, Loki réplica dizendo que ela nunca mais veria Balder. Tal informação é interessante, pois nos leva a pensar que a história do *Lokasenna* se passe após a morte de Balder. Morte essa tramada por Loki. Isso também se apresenta como um motivo para explicar porque Balder não estaria presente na festa.

Em defesa de Frigga, a deusa Freyja dirige a palavra a Loki, o chamando de insensato e de louco (est. 29). Ele a responde, insinuando que a deusa seria uma vadia, alegando que ela teria tido um caso com todos os deuses e elfos que estavam ali. De fato alguns mitos mencionam esse lado promíscuo de Freyja.

A discussão entre os dois prossegue, e Loki chama Freyja de bruxa (algo que remete a sua ligação com a magia) e salienta que ele teria um relacionamento incestuoso com seu irmão Freyr[14].

Para defender a filha, Njord afronta Loki; lembrando-o que o próprio havia se transformado em mulher, como mencionado por Odin. Loki continua a responder a Njord, e também o acusa de praticar o incesto, onde a partir da relação com uma de suas irmãs, ela deu a luz a Freyja e Freyr.

Nessa parte do poema as acusações com teor sexual se encerram para ceder espaço às acusações contra o orgulho. O deus Tyr parte para defender a honra de Freyr (est. 37), o qual responde que ele era um dos melhores heróis de Asgard. No entanto, Loki debocha do fato de Tyr ter perdido uma das mãos para o lobo Fenrir. Tyr por sua vez usa tal fato para responder a Loki, dizendo que ele pode ter perdido uma das mãos, mas Loki perdeu seu filho lobo para o cativeiro. Loki se ira com aquilo, então o deus Freyr entra na conversa, e diz que se ele não tomar decência naquele momento, o mesmo poderá vir acontecer com ele; neste caso, ser preso.

Loki responde a Freyr, atacando seu orgulho. Dizendo que ele só conseguiu tomar a giganta Gerd como esposa, pois ele ofereceu ouro e sua espada mágica em troca

[13] Certa vez Odin viajou e ficou bastante tempo sem dar notícias, então Frigga pensando que o marido pudesse ter morrido – pois os deuses nórdicos não eram imortais –, aceitou o pedido de Vili e Vé para se tornarem os novos soberanos no lugar de seu irmão. No entanto, Odin posteriormente retornou a Asgard e o casamento não foi realizado.

[14] Segundo Snorri (2012), era uma prática comum entre os Vanes, o incesto. Algo não tolerado entre os Ases.

da mulher. Aqui se percebe que Loki insinua que o tão "aclamado" deus Freyr não era "homem suficiente" para conquistar uma esposa, e tinha que "comprá-la". Para completar, ele salienta que a perda da espada mágica seria a sentença de morte de Freyr, quando Surt, o gigante de fogo, aparecesse no Ragnarök[15].

Býggvir um dos escravos de Freyr, se pronúncia para proteger a honra de seu mestre, dizendo que se não fosse pelo pacto de paz ali, ele teria matado Loki e triturado os seus ossos (est. 43). O gigante responde que Býggvir era um mero bajulador de seu senhor, e que se escondia por trás da fama dele.

O escravo responde que era um homem de talento, e produzia uma das melhores cervejas das quais os deuses ali estavam provando[16]. Loki ignora esse autoelogio e manda Býggvir se calar (ele faz isso com quase todo mundo durante o poema, mandando-os se calar), então diz que o escravo nunca teria o direito de se sentar num banco coberto de palha[17], pois ele era um covarde.

Após Loki zombar do escravo, o deus Heimdal se pronuncia (est. 47), questionando se Loki estaria bêbado e assim teria perdido o bom senso. Heimdal pede para que Loki se acalmasse, mas o *trickster* responde dizendo que Heimdal possuía uma vida ruim, e andava com as "calças molhadas", pois era o guardião dos deuses[18].

Heimdal não responde a Loki, mas no lugar dele, fala Skadi. A giganta conhecida por esta associada ao inverno, fala friamente para Loki que o castigo dele estava próximo, que ele iria ser amarrado com as entranhas de seu próprio filho. Esse ponto é interessante, pois sugere que Skadi, Freyr e Frigga já tivessem ciência do que o futuro reservava para Loki.

Não gostando da ameaça que ouviu, Loki rebate dizendo que ele foi o primeiro a atacar Tiazi, o pai de Skadi, o qual foi morto pelos deuses. A giganta diz que se realmente ele fez aquilo, ela o amaldiçoava. Loki responde (est. 52) a praga com um deboche bastante malicioso, alegando que como Skadi poderia odiá-lo tanto se ela já havia "aberto o caminho da sua cama para ele". Sendo uma das características de alguns

[15] A profecia no *Völuspá* informa que Surt iria matar Freyr, por causa da ausência dessa espada mágica.
[16] Býggvir seria a personificação do grão da cevada, a qual o preparo da cerveja também estava associado ao culto a Freyr (LERATE, 2004, p. 14).
[17] Era um costume viking que quando se recebia convidados, os bancos eram forrados com palha ou peles. No caso dos guerreiros era sinal de respeito a esses (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p. 62). Pelo fato de Býggvir ser um escravo e ser chamado de covarde, ele nunca teria direito a esse respeito.
[18] Pelo fato de Heimdal ser o guardião de Asgard e o porteiro da ponte Bifrost, ele passava grande parte do tempo em vigília no lado de fora, suscetível ao sol, chuva, neve, ao frio e calor. Se comparado aos outros deuses que possuíam tempo de sobra para viajar e fazer outras atividades, Heimdal era o que mais trabalhava nesse sentido, algo que Loki via como uma função de baixo prestígio (HOLLANDER, 1947, p. 300).

trickster a malícia e a obscenidade, Loki retoma tal aspecto, sugerindo que ele e Skadi tinham um caso.

Antes que a giganta se pronunciasse, a deusa Sif (est. 53) se aproximou de Loki e lhe ofereceu uma taça de cristal com hidromel, saudando o gigante, e pedindo para ele parar com aquela discussão. Sif tentava apaziguar os ânimos de Loki com aquela gentileza, mas o ânimo exaltado do gigante se manteve. Após ele tomar o hidromel, Loki insinua que Sif traía Thor.

Nesse momento a escrava Beyla, esposa de Býggvir, se pronuncia (est. 55). Ela diz que ouve as montanhas tremerem e sugere que seja Thor chegando. Então diz que com a chegada dele as calúnias feitas por Loki contra os deuses e homens (entenda-se aqui que os dois escravos de Freyr pelo que parece, eram humanos), se encerrariam.

Loki manda a serviçal se calar, então a insulta e a humilha. Nesse instante Thor (est. 57) adentra a casa, e ameaça arrancar a cabeça de Loki com seu martelo Mjólnir, se Loki não parasse com aquelas afrontas.

Embora que em alguns mitos é dito que Thor e Loki fossem amigos, o deus do trovão é ciente que Loki é cínico, principalmente quando o gigante cortou os cabelos de Sif no passado. Além disso, também é característico de Thor ser impaciente, pois em alguns mitos nota-se que o deus tinha um temperamento esquentado (DAVIDSON, 2004, p. 68).

Loki indaga porque de toda aquela irritação do deus, então ele solta seu desdém, dizendo que embora Thor seja um valoroso guerreiro, ainda assim, não conseguirá salvar Odin do lobo. Percebe-se aqui novamente que Loki apresenta possuir conhecimento sobre o futuro. Primeiro ele diz que Freyr morrerá para Surt e agora fala que Odin será morto por seu filho, o lobo Fenrir. Ambos os acontecimentos ocorrerão no Ragnarök.

No entanto, Loki não possui o dom da vidência, provavelmente possa consistir em alguma alteração feita por algum poeta, pois os poemas da *Edda Poética* são de autoria anônima, e possivelmente possa ter havido mais de um autor na compilação de cada poema, além do fato, de que parte dos poemas possam ter sido reescritas. De qualquer forma, Thor responde a afronta, voltando a ameaçar a vida de Loki.

Se antes Loki alegou que Thor embora fosse o campeão dos deuses, ainda assim, ele não conseguiria salvar seu pai, seguindo essa linha de debochar do deus, Loki diz que Thor em sua viagem a terra dos gigantes chegou a se esconder dentro da luva de um

gigante[19]. Então ele encerra sua fala com sarcasmo, dizendo que ele pensava que Thor realmente fosse corajoso, mas pelo visto não parecia sê-lo.

O deus do trovão manda Loki calar a boca e ameaça de esmagá-lo com seu martelo, assim como fez com o gigante Hrungnir[20], partindo todos os seus ossos do corpo. Loki como já se mostra claro, não se intimida em momento algum com todas as ameaças feitas por Thor até agora, e ele sempre responde com deboche. Nesse caso, novamente ele remete o episódio do encontro com o gigante Skrymir, lembrando que Thor que era considerado o mais forte de todos os deuses, não conseguiu desatar o nó da bolsa do gigante, para pegar um pouco da comida dele.

Thor volta a ameaçar Loki (est. 63), dessa vez dizendo que irá mandá-lo para Hel (o mundo subterrâneo da morte). Loki com sarcasmo responde que tudo o que ele havia feito, ele o fez porque sua mente lhe ordenou para fazê-lo, então na última estrofe ele diz que a cerveja que Égir fez, a qual todos estavam saboreando, Thor não iria prová-la, pois ele iria arder em chamas.

Com isso se inicia a parte em prosa que consiste no desfecho do poema. Nela é dito que após ameaçar em queimar Thor, Loki fugiu as pressas, correndo pela floresta indo chegar ao rio Franang, onde ele se transformou num salmão e se escondeu em suas águas. Dessa vez os deuses não toleraram tais afrontas e foram atrás de seu caluniador. Eles o cercaram e o capturaram.

No entanto, surge algo estranho na narrativa. É dito que dois filhos de Loki, chamados Nari e Narfi (ou Vili) se encontravam por perto. Nari foi assassinado e suas entranhas foram usadas para amarrar seu pai; e, no caso de Narfi, esse foi transformado em lobo. Já estando cativo, Skadi trouxe uma cobra venenosa e a pôs sobre a face de Loki, de forma que o veneno goteja-se sobre ele.

Todavia, na tentativa de amenizar o sofrimento do marido, a deusa Sigyn decidiu ficar ao lado dele, segurando uma vasilha ou vaso com o qual coletava o veneno da serpente, mas quando esse recipiente se enchia, ela tinha que esvaziá-lo, então o veneno tocava a pele de Loki. Ele gritava de tanta dor que isso acabava gerando os terremotos (LERATE, 2004, p. 128).

[19] Tal acontecimento é narrado na *Edda em prosa*, onde Thor e Loki viajam para Útgard, uma cidade em Jotunheim, e no caminho eles encontram um gigante chamado Skrymir, que posteriormente descobrem ser o rei gigante Útgard-Loki. Na ocasião durante a noite, Thor, Loki e dois irmãos humanos que o deus do trovão tomou para si como escravos, ao ouvirem altos sons estranhos, se apavoraram com aquilo, então se esconderam no que parecia ser uma caverna, mas na verdade era a luva do gigante Skrymir.

[20] Essa história também é contada no *Edda em prosa*, onde Thor mata o gigante arremessando seu martelo contra a cabeça dele.

Considerações finais:

Pelo estudo com base na concepção de dramatização proposto por Balandier para se entender o uso de personagens como o *trickster*, o bufão, o doido, no cenário social, cultural e político real ou mítico, torna-se evidente que Loki realmente é um *trickster*, e o *Lokasenna* consiste na principal referência para fundamentar tal opinião, por mais que em outros mitos possamos também delinear características que aludem a tal condição.

Todavia, resta uma questão final a ser dita: Mircea Eliade (1992, p. 96-97) disse que os mitos por mais que sejam mirabolantes aos olhos de hoje, eles em geral possuíam uma função. Significavam, representavam ou respondiam algo. Então, qual seria o papel do *Lokasenna* como mito?

Tal pergunta é difícil de ser respondida, pois nem sempre os mitos explicavam algo propriamente de forma clara e objetiva. Segundo Cardoso (2005, p. 22), o *Lokasenna* se expressa de duas formas: a primeira como um mito etiológico, pois explica a origem de algo, neste caso, os terremotos, os quais segundo o mito eram gerados pelos gritos de dor de Loki.

A segunda questão diz respeito ao ponto de vista de Snorri, no qual disse que a prisão de Loki, seria sua sentença principalmente devido à morte de Balder (Snorri ignora os acontecimentos do *Lokasenna*, e emenda a prisão com a história de Balder), e, por sua vez marcaria uma das etapas para o vindouro Ragnarök.

Por esse sentido, a prisão de Loki seria um dos sinais que o Ragnarök realmente vai acontecer, pois além dessa questão específica, Frigga e Freyr no poema se remetem a acontecimentos futuros, os quais envolvem a prisão de Loki, já adiantando que de fato estava destinado a acontecer aquilo. Mas o ponto interessante se encontra na própria fala do gigante, quando ele menciona a morte de Freyr e Odin. Logo, por tais pontos de vista, o *Lokasenna* se insere no ciclo de mitos que fazem alguma referência ao Ragnarök.

Para John Lindow (2001, p. 216), o mito narrado no *Lokasenna* além de revelar a origem dos terremotos e essa ligação com o Ragnarök, também seria uma forma de mostrar a superioridade da força sobre a palavra. Por mais que Loki fosse o mais astuto

em lábia naquele momento, no fim, ele perde para a força bruta representada por Thor e seu martelo Mjölnir.

Tal fato também representa outro aspecto de alguns *trickster*: quando percebendo que a situação está fora de controle, o *trickster* tende a utilizar alguma artimanha para escapar, já que normalmente os *trickster* não são afeitos ao combate. Sua força não está nos músculos, mas nas palavras, na astúcia e na magia.

Para Jerold C. Frakes (1987, p. 478), a performance de Loki seria uma representação da função desordeira, caótica e modificadora a qual a mitologia nórdica estava associada. A existência de conflitos é algo comum nos mitos. Odin, Vili e Vé mataram o gigante primordial Ymir para criar o mundo, assim, os gigantes passaram a serem inimigos dos deuses. Mas devido à contínua ameaça dos gigantes, Thor tem que viajar para enfrenta-los e matá-los.

Posteriormente os Ases e Vanes entraram em guerra, disputando o poder, mas acabaram fazendo as pazes, e se uniram. E no fim, é esperado que guerras e catástrofes eclodissem no mundo durante o Ragnarök, para que assim possa haver uma nova renovação.

Percebe-se aqui que as guerras, disputas e conflitos são recorrentes nos mitos nórdicos, por se perfazerem como elementos da destruição que gera mudança, que por sua vez proporciona renovação.

Nesse sentido, Frakes concebeu que o *Lokasenna* expressaria principalmente o papel de Loki como figura da mudança. O agente que gera o conflito e a desordem que são necessários para a manutenção dos designíos do universo e do destino. Neste caso, o fato de Loki está associado ao Ragnorök, significa que ele consista num agente que estava promovendo os desígnios do destino.

Assim, na perspectiva de Balandier (1982, p. 39), o elemento desordeiro quando se manifesta para romper com a ordem, ele não se perfaz apenas como o agente da ação desordeira, mas também como o agente da mudança, da renovação, o que levará ao restabelecimento da ordem, mas tendo alterado sua estrutura que acabará repercutindo no futuro.

FONTES:

EDDA Mayor. Tradução e notas de Luís Lerate. Madrid: Alianza Editorial, S.A, 2004.

LOKASENNA. In: *The Poetic Edda*. Translation, introduction and notes Henry Adams Bellows. New York: The American-Scandinavian Foundation, 1923. p. 151-173.

LOKASENNA. In: *Edda Mayor*. Tradução e notas de Luís Lerate. Madrid: Alianza Editorial, S. A., 2004. p. 115-128.

STURLUSON, Snorri. *The Uppsala Edda*. Edited with introduction and notes by Heimir Pálsson. Translated by Anthony Faulkes. London: Viking Society for Northern Research/University College London, 2012.

REFERÊNCIAS:

AYOUB, Munir Lutfe. "Salões de cultos e banquetes: a compreensão dos espaços escandinavos". *Revista Crítica Histórica*, ano IV, n. 7, 2013, p. 99-113.

BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora da UnB, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Aspectos da cosmogonia e da cosmografia escandinavas*. In: CANDIDO, Maria Regina (org.). Mitologia germano-escandinava: do caos ao apocalipse. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2007. p. 7-25.

DAVIDSON, Hilda Ellis. *Deuses e mitos no norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004.

_____. *The Lost Belief of Northern Europe*. London/New York: Routledge, 1993.

DUMÉZIL, Georges. *Gods of the Ancient Northmen*. Berkeley: University California Press, 1973.

_____. *Loki*. Paris: Flammarion, 1986.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

FRAKES, Jerold C. *Loki's mythological function in the tripartite system*. The Journal of English and Germanic Philology, vol. 86, n. 4, 1987, p. 473-486.

GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *Os Vikings*. Barcelona: Ediciones in Folio, 2006. (Coleção Grandes civilizações do passado).

HEIDE, Eldar. *Loki, the Vätte, and the Ash Lad*: A Study Combining Old Scandinavian and Late Material. Viking and Medieval Scandinavia, v. 7, 2011, p. 63-106.

HOLLANDER, Lee M. *Comments on Lokasenna 5, 3; 24, 2; and Skírnismol 27, 3*. Scandinavia Studies, vol. 19, n. 8, 1947, p. 298-305.

HULTGÅRD, Anders. *The religion of the Vikings*. In: BRINK, Stefan (Ed.). The Viking world. London: Routledge, 2012, p. 212-218.

LANGER, Johnni. *A morte de Odin?* As representações do Ragnarök na arte das Ilhas Britânicas (séc. X). Medievalista, n. 11, jan/jun. 2012, p. 1-30.

_____. *Religião e Magia entre os vikings*: uma sistematização historiográfica. Revista Brathair, n. 5, v. 2, 2005, p. 55-82.

LINDOW, John. *Norse Mythology*: A guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs. New York: Oxford University Press, 2001.

NIEDNER, Heinrich. *Mitología nórdica*. Tradução Gloria Peradejordi. Barcelona: Olimpo, 1997. (Coleção Mitologia e História).

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. *Loki como representação do caos e da ordem na mitologia viking*. VI Congresso Internacional de História, Maringá/Brasil, 2013.

PRICE, Niel S. *The Viking Way*: religion and war in late Iron Age Scandinavia. Uppsala: Department of Archeology and Ancient History, 2002.

QUEIROZ, Renato da Silva. *O herói-trapaceiro*: reflexões sobre a figura do trickster. Revista Tempo Social, São Paulo, v. 3, n. 1-2, 1991, p. 93-107.

QUINTANA, Tiago. *Artifícios linguístico-literários na antiga poesia nórdica* – uma introdução. Cadernos do CNLF, vol. XI, n. 14, 2008, p. 42-48.

RADIN, Paul. *The Trickster*: a study in American indian mythology. New York: Philosophical Libray, 1956.

ROOTH, Anna Birgitta. *Loki in Scadinavian Mythology*. Lund: University Lund, 1961.

VRIES, Jan de. *The Problem of Loki*. Helsinki: Folklore Fellow Comunications 110, 1933.